



**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS**

**DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA**

Trabalho de Fim de Curso

*“Ela pode ser polícia, mas não manda nada”*: um estudo sobre as  
Relações de Género no brincar ao faz-de-conta das crianças.

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a  
obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo  
Mondlane

Autor: Dircy Luís

Supervisor: Dr<sup>a</sup> Elena Colonna

Maputo, 2017

**Faculdade de Letras e Ciências Sociais**

**Departamento de Sociologia**

**Licenciatura em Sociologia**

**Autora**

Dircy Inocência de Sérgio Luís

*“Ela poder ser polícia, mas não manda nada”*: um estudo sobre as  
Relações de Género no brincar ao faz-de-conta das crianças.

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a  
obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo  
Mondlane

Maputo, Maio de 2017

**Faculdade de Letras e Ciências Sociais**

**Departamento de Sociologia**

**Licenciatura em Sociologia**

**Autora**

Dircy Inocência de Sérgio Luís

*“Ela poder ser polícia, mas não manda nada”*: um estudo sobre as  
Relações de Género no brincar ao faz-de-conta das crianças.

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a  
obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo  
Mondlane

O Júri

**A Supervisora**

**A Presidente**

**O Oponente**

-----

-----

-----

(Dr<sup>a</sup>. Elena Colonna)

(dr<sup>a</sup>. Catarina Cuambe)

(Dr. Adriano Maurício)

Maputo, Maio de 2017

## **Declaração de honra**

Eu, Dircy Inocência de Sérgio Luís, declaro por minha honra que esta Monografia nunca foi apresentada em nenhuma instituição de ensino para a obtenção de nenhum grau académico, o seu conteúdo é resultado de investigação pessoal com a orientação da minha supervisora, sendo que indico toda a bibliografia consultada para a sua elaboração.

Maputo, Maio de 2017

-----

(Dircy Inocência de Sérgio Luís)

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar agradeço a Deus Todo-Poderoso, pela vida e pela bênção que me dá todos os dias.

A minha supervisora, Dr<sup>a</sup> Elena Colonna, pela paciência, disponibilidade para ajudar em tudo, pelos “puxões de orelha”, pelas críticas construtivas agradeço imenso aprendi muito. Aos meus restantes professores do Departamento de Sociologia o meu muito obrigado.

Agradeço aos meus pais, senhor Sérgio Luís e a senhora Argentina Chaisso por tudo o que fizeram e continuam fazendo por mim, agradeço em especial a minha mãe pelas orações e pela força de todos os dias, as minhas tias e especialmente a Tia Celeste que mais do que uma tia tem sido uma segunda mãe para mim, sempre presente para me ajudar e mostrar-me o caminho a seguir, pela educação que me deram desde pequena, aos meus irmãos Mauro Doce, Jéssica Doce e Kayan Doce, apesar de não estar fisicamente presente, eu amo vocês.

Agradeço a turma de Sociologia 2013, pela amizade, pelo companheirismo durante os quatro anos da minha formação. Aos meus amigos que não deixaram faltar momentos bons e de aprendizagem, pela força e por me mostrarem que estavam dispostos a ajudar-me sempre, Graça Gonçalves, Paula Paulino, Faustino Mambo, e ao meu melhor amigo Agnaldo Oficiano, as minhas “anãs” Atineja Gune, Shamila Premugy Débora Foquete, vocês fazem-me ir mesmo quando a vontade é de chorar...vocês são demais. “Khanimambo Bae’s”

## **Resumo**

A presente Monografia tem como objectivo geral, compreender como são construídas as relações de género na infância através do brincar ao faz-de-conta. Este trabalho realizou-se no Centro Infantil Sol de Khongolote, localizado na Província de Maputo, Cidade da Matola, bairro de Khongolote. Para a realização deste trabalho recorremos ao método etnográfico, onde através da observação participante e conversas informais, foi possível a recolha de dados. De referir que foi usada a teoria interpretativa de William Corsaro, que vê as crianças como actores sociais e baseia-se na reprodução interpretativa da realidade social. Os dados produzidos, indicam que as brincadeiras de faz-de-conta ocupam um lugar importante na vida quotidiana das crianças, pois através destas, as crianças reproduzem as relações de género, de acordo com o contexto em que elas estão inseridas, ou seja, as crianças constroem as relações de género mediante as relações que estabelecem na família e pelos meios de comunicação, estas relações são interpretadas e reproduzidas nos grupos de pares.

**Palavras-chave:** Género, Crianças, Infância e Cultura de pares.

## **Abstract**

*This monography aimed to understand how gender's relationships are constructed in the play to the make believe of children. The research was conducted at "Sol de Khongolote" Kindergarten, in Maputo Province, Matola city, Khongolote neighbourhood. It was used an ethnographic method, and through a participant observation and non formal conversations was collected the data for the research. It was used the interpretative theory of William Corsaro, which face the children as social actors and is based in the interpretative reproduction of the social life. The data collected suggest that the make believe plays has a very importance in the day life of the children because through them they produce their gender relations according to the context in which they are, this is, children construct their gender relations according to the relations they have with family and mass media, and these relations are produced and interpreted inside the peer groups.*

**Keywords:** *Gender, Children, Childhood and Peer Culture.*

## Índice

Declaração de honra.....	i
Resumo.....	iii
Abstract .....	iv
Introdução.....	1
Capítulo I. Infância e Género .....	4
1.1 Contextualização .....	4
1.2. Revisão de literatura .....	6
1.2.1.Género na idade adulta .....	6
1.2.2.Género na adolescência .....	9
1.2.3.Género na infância .....	10
1.3.Problema de pesquisa .....	12
Capitulo II: Quadro teórico e conceptual .....	14
2.1. Teoria Interpretativa .....	14
2.2. Definição e operacionalização dos conceitos.....	16
2.2.1.Género .....	16
2.2.2.Infância .....	17
2.2.3.Crianças .....	18
2.2.4.Cultura de pares .....	19
Capitulo III: Metodologia.....	20
3.1. Método de pesquisa .....	20
3.2.Entrada no Campo .....	21
3.3. Universo e amostra .....	21
3.4. Técnica de recolha de dados .....	21
3.4.1. Observação Participante .....	22
3.5. Técnica de análise de dados .....	22
3.6. Questões éticas .....	22



3.7. Constrangimentos .....	23
Capítulo IV: O género nas brincadeiras de faz-de-conta .....	25
4.1. Contexto da Pesquisa .....	25
4.2. As brincadeiras das crianças .....	26
4.3. Os papéis de género nas brincadeiras .....	27
4.3.1. A brincadeira da casinha: Relações de Género na Família .....	28
4.3.2. “Nós vamos brincar de carrinhos e vocês vão ficar a fazer outras coisas”- Relações de género na esfera pública .....	31
4.4. Entre a reprodução e a inovação.....	33
Referencias Bibliográficas .....	39

## **Introdução**

A presente pesquisa busca compreender de que forma as crianças constroem suas relações de género, tendo como base o brincar sócio-dramático. Para alcançar esse objectivo, procura-se descrever o contexto da realização da pesquisa, identificar as brincadeiras das crianças, os papéis sociais atribuídos durante as brincadeiras e por fim, descrever a forma como são construídos estes papéis sociais.

Para a materialização da presente pesquisa, partimos do pressuposto de que as crianças são actores sociais plenos, com capacidade de interpretar e agir sobre a realidade social, portanto, elas constroem as relações de género de acordo com o que aprendem no quotidiano, onde através das brincadeiras do faz-de-conta, expressam seus sentimentos, vivências e experiências com os grupos de pares (Sarmiento, 2009).

Assim, para tornar compreensível o problema que propomo-nos a investigar, procuramos fazer uma breve contextualização acerca da infância e género, partindo do estado da arte de nível global ao nível particular. No caso concreto de Moçambique, constata-se que de forma geral existe uma preocupação em se estudar a infância como uma categoria social analítica. No nível mais global, são vários estudiosos que se preocupam em desenvolver estudos sobre a infância na sua relação com o género. A maior preocupação desse estudo assenta principalmente na necessidade de se estudar as crianças como agentes activos na socialização, o que significa que elas participam da vida adulta, mas também na criação de suas culturas infantis, onde o género aparece como parte das relações sociais que permeiam a vida das crianças.

Na revisão de literatura, procuramos discutir as diversas formas de análise de género segundo as categorias sociais, tais como a fase adulta, a adolescência e a infância. Na fase adulta o género tem sido compreendido numa visão adultocêntrica<sup>1</sup>, onde vários estudos procuram demonstrar a luta pelo empoderamento da mulher; na adolescência começa-se a reconhecer que o género tem uma forte influência sobre a identidade e a personalidade dos indivíduos. Muitos estudos abordam a questão do género na adolescência quando se trata da educação dos jovens.

---

<sup>1</sup> Em alguns estudos género confunde-se com estudos das mulheres, (Louro, 1997) afirma, os estudos iniciais se constituem muitas vezes, em descrição das condições de vida de trabalho das mulheres em diferentes instâncias e espaços.

Na infância os estudos sobre o género, preocupam-se sobretudo com a área da educação, sendo que na sua maioria procuram discutir a forma como são distribuídas as relações de género de modo a aprimorar a educação para as crianças. Estes procuram dar voz aos educadores, e aos responsáveis pelas crianças. Embora existam estudos que analisam as relações de género no jardim-de-infância, na sua maioria não são de contextos africanos. Em Moçambique os estudos sobre a infância são embrionários, embora os que já existem forneçam-nos subsídios importantes para que se desenvolvam várias temáticas em volta das crianças.

A forma como são distribuídas as relações de poder na sociedade começa na infância, portanto, a escolha deste tema baseia-se no facto de que as crianças não recebem de forma passiva os estereótipos de género, elas tem uma acção sobre estas diferenciações que são feitas desde a sua socialização primária. Assim, ouvir as suas percepções acerca do género se mostrou preponderante, visto que, as crianças apropriam-se, interpretam, reinventam e recriam o que é apreendido na cultura adulta (Sarmiento, 2008).

Do ponto de vista sociológico, este estudo é relevante pois poderá suscitar mais investigações acerca da infância e outras categorias sociais ou ainda, outras temáticas que envolvam a infância em Moçambique. Envolver as crianças em estudos, procurando ouvir as suas vozes, é importante, porque nos permite perceber várias abordagens que eram ignoradas, visto que vários estudos sobre a infância enfatizam as vozes adultas e são realizados por adultos, para adultos. Com este estudo também pensa-se que será possível dar mais importância a um elemento importante nas culturas da infância, que são as brincadeiras. As brincadeiras se revelam muito importantes para dar a conhecer sobre o que as crianças pensam e como elas olham para a realidade social.

De acordo com o objectivo que propomo-nos a discutir importa salientar que para este estudo foi necessário acompanhar o quotidiano das crianças do Centro Infantil Sol de Khongolote, sendo este, um espaço em que se encontram várias crianças que partilham diversas brincadeiras e várias realidades, o que tornou-se favorável para a concretização do trabalho. Para a realização deste trabalho foi usada a teoria interpretativa de William Corsaro, que fundamenta-se na reprodução interpretativa da realidade social, por meio da linguagem e num processo de interactivo tanto com os adultos, assim como com outras crianças.

Como método de recolha de dados, foi usada a observação participante, onde foram desenvolvidas conversas com as crianças do Centro, com auxílio de um diário de campo, foi possível obter mais informações acerca do mundo daquele grupo. Desta forma o presente trabalho obedece a seguinte estrutura: no primeiro capítulo, recorre-se a uma revisão bibliográfica que permitiu fazer uma contextualização acerca da infância e género, onde foi possível aprofundar sobre o género e a infância, o que levou à construção do problema de pesquisa.

No segundo capítulo, apresenta-se o quadro teórico e os conceitos de género, infância, crianças e cultura de pares. O terceiro capítulo foi dedicado a Metodologia onde se privilegiou a descrição do método de abordagem, o de procedimento, o nosso universo e amostra, as técnicas usadas na recolha de dados e as questões éticas. No quarto capítulo, temos a apresentação e análise dos dados e por fim, as considerações finais e os anexos.

## **Capítulo I. Infância e Género**

Neste capítulo pretendemos apresentar uma breve contextualização da infância e do género, de modo a dar um quadro geral do assunto que nos propomos a discutir no presente trabalho. A infância é uma categoria social que reconhece a criança como um agente de sua própria socialização e não como objecto ou produto da acção adulta (Marchi, 2011). Neste sentido tentamos analisar a infância, na sua relação com o género, e para tal é importante mostrar como este fenómeno caracteriza-se no nível global até ao particular, concretamente em Moçambique.

### **1.1 Contextualização**

A infância é uma construção social, cuja sua autonomia conceptual vinha sendo ignorada no campo científico devido ao processo da marginalização que sofreu como objecto de estudo, assim sendo, os estudos da sociologia da infância procuraram colocar a infância e as crianças em equidade conceptual, relativamente aos outros grupos ou categorias sociais. Os estudiosos da sociologia da infância argumentam que a criança é um ser activo no processo da socialização, ela tem a consciência dos seus sentimentos, ideias, desejos, e expectativas e que é capaz de expressa-los (Marchi, 2011).

A consideração das crianças como actores sociais, de pleno direito, e não como menores ou como componentes acessórios ou meios da sociedade dos adultos, implica o reconhecimento da capacidade de produção simbólica por parte destas, e a constituição das suas representações e crenças em culturas. As culturas infantis assentam nos mundos de vida das crianças e estes se caracterizam pela heterogeneidade e formação da hipótese da existência de uma epistemologia infantil, não podendo pôr de lado as diferentes realizações e processo de produção de sentido e a pluralidade dos sistemas de valores, crenças e de representações sociais das crianças, ou seja a interpretação das culturas infantis não pode ser realizada no vazio social, o que significa que necessita de se sustentar na análise das condições sociais em que as crianças vivem, interagem e dão sentido ao que fazem (Sarmiento & Pinto, 1997).

Segundo Colonna (2009), o número de investigações científicas voltadas ao estudo específico da realidade das crianças em África é escasso; e quando as crianças constituem objecto principal da investigação, trata-se de crianças desfavorecidas ou que encontram-se em situações de vulnerabilidade. A autora dá exemplos de crianças de rua,

crianças órfãs, chefes de famílias, crianças trabalhadoras, etc. Acrescenta a autora que são raros estudos que objectivam estudar a realidade das crianças consideradas “normais”, dentro de um determinado contexto, e ainda mais raros estudos que procuram apresentar o ponto de vista das próprias crianças sobre as experiências e suas vivências quotidianas.

A maior parte dos estudos sobre crianças em África procura discutir esta noção de criança fora do lugar (Colonna, 2009). No seu artigo, “reflexões a partir de uma investigação com crianças em Moçambique”, discute o lugar das crianças nos estudos africanos e redimensiona as experiências infantis de crianças no seu quotidiano, quando faz uma investigação com crianças que tomam conta das outras crianças, onde considera a possibilidade de encarar a actividade como um momento de autonomia, e uma oportunidade para a afirmação dos direitos de participação das próprias crianças.

Na tentativa de abordar a infância como categoria social e possível de ser analisada sociologicamente, alguns autores sugerem que deve-se articular as diferentes instâncias de socialização da infância, abordando as práticas do dia-a-dia das crianças “sejam elas originadas da observação das práticas da vida quotidiana ou das representações sociais do imaginário (Sirota, 2001). É neste sentido que tentaremos buscar algum encontro entre o género e a infância, apresentando em seguida uma breve contextualização sobre o género.

O surgimento das relações de género como conceito científico está intrinsecamente ligado à história do movimento feminista, o qual procura discutir a condição da mulher nas sociedades ocidentais desde o século XIX. Em seus primórdios, as reivindicações estavam ligadas ao chamado sufragismo em prol do voto feminino. Já em meados de 1960 as feministas passam a produzir livros e artigos de forma mais contundente sobre a situação de opressão da mulher (Costa, Madeira, & Silveira, 2012). Em algumas sociedades as mulheres têm papéis claramente definidos com base nas relações de género que as colocam em uma posição subordinada em relação aos homens (ASDI, 2007).

Segundo o relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2007), a igualdade entre homens e mulheres tem sido um dos objectivos das Nações unidas desde sua criação. O relatório Situação Mundial da Infância 2007 analisa a

discriminação e a falta de poder que a mulher enfrenta ao longo de sua vida e discute o que pode ser feito para eliminar a discriminação de género e para aumentar o poder das mulheres e das meninas. Começa pela análise do status actual da mulher e discute em seguida de que maneira a igualdade de género permitirá avanços em direcção ao cumprimento de todos os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio (ODMs); e como os investimentos nos direitos da mulher renderão, ao final, um duplo dividendo: aprimoramento dos direitos da mulher e da criança.

A construção da masculinidade e da feminilidade é considerada um produto histórico, variável no tempo e no espaço. Para além da diferença biológica e sexual entre homens e mulheres, as sociedades elaboram de maneira diferenciada, social, económica e culturalmente determinada, um conjunto de normas, valores, costumes e práticas que definem modos de ser, atitudes e comportamentos próprios a homens e mulheres. Neste sentido procuramos analisar a infância relacionando-a com os estudos do género visto que as relações de género se fazem sentir antes do nascimento do bebé, se estendendo até a vida adulta (Sayao, 2003). Desta forma procuramos perceber de que formas são construídas as relações de género na infância.

## **1.2. Revisão de literatura**

Nesta secção faremos uma revisão de literatura, onde procuramos trazer algumas pesquisas sobre infância e género. Para a realização deste estudo traremos as diversas concepções de género, partindo do contexto global até ao caso concreto de Moçambique. Em vários estudos sobre o género é possível notar que existem diversos níveis de análise, sendo que neste estudo traremos o género na perspectiva do adulto, onde estes estudos apenas falam do género como um “problema” das mulheres (adultas), em seguida traremos o género na fase da adolescência e por fim o género na Infância. Fazer esta distinção significa apresentar o historial sobre as relações de género em Moçambique, o que permitirá discutir as relações de género na infância.

### **1.2.1. Género na idade adulta**

Para a realização deste trabalho partimos do pressuposto de que o género em diferentes contextos tende a ser analisado na idade adulta, ou seja as abordagens de género abordam-no como uma questão das mulheres adultas, ignorando as fases antecedentes como a adolescência e a infância.

Segundo Louro (1997, p.15), o conceito de género, estava directamente ligado a história do movimento Feminista Contemporâneo, onde seus objectivos imediatos estavam inicialmente ligados ao interesse das mulheres brancas de classe média e ao alcance dessas (eventualmente acrescidos de reivindicações ligadas a organização da família, oportunidade de estudo ou acesso a determinadas profissões). Foi na década de 60 que para além das preocupações sociais e políticas, volta-se para construções teóricas, quando surgem os estudos das mulheres. A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas teve como consequência sua ampla invisibilidade como sujeito e como sujeito da ciência.

De acordo com Machado, Santiago, Nunes (2010), o género como uma categoria relacional define-se na relação com o outro, sendo um aspecto das relações sociais e culturais de poder e de subjectivização. O género articula-se com outros tipos de relações sociais - geração, raça, etnia, classe, profissão, sexualidade de maneiras cada vez mais diversas, indicando novos sentidos e perspectivas de interpretação em relação à condição humana. Estes autores acreditam que ao promover a reflexão e debates sobre as relações de género que se estabelecem em instâncias sociais distintas e analisar o discurso sobre género elaborado por diferentes representações culturais, estarão a contribuir para a construção de novas relações de género pautadas na igualdade de oportunidades, no cumprimento aos direitos humanos e na plena vivência da cidadã.

O género é uma construção social, desta forma o papel do homem e da mulher é constituído culturalmente e muda conforme a sociedade e o tempo, acrescentam que as relações de género são produto de um processo pedagógico que se inicia no nascimento e continua ao longo de toda a vida. A situação nos últimos tempos tem mudado e cada vez mais um número maior de mulheres está saindo do lar e estão ingressando no mercado de trabalho, no entanto, as desigualdades ainda permanecem (Cabral & Diaz, 1998).

O fundo das Nações Unidas para Infância, (UNICEF, 2007), procura trazer um panorama da situação mundial da infância em correlação com o género em África, buscando cumprir o objectivo do milénio que é de promover igualdade de género e aumentar o poder da mulher, onde incide sobre o compromisso da comunidade internacional com relação à igualdade de género, mulheres e meninas em todo o mundo que vivem em meio ao flagelo da discriminação, falta de poder e pobreza. Este relatório



aborda as condições de vida de mulheres em todo o mundo pela simples razão de que a igualdade de género e o bem-estar da criança são indissociáveis.

Em Moçambique é possível notar que as questões de género são um grande desafio, visto que neste contexto, assim como em outros, verifica-se maior subordinação da mulher em relação ao homem, como afirma a Agência Sueca de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (ASDI, 2007), que nos dá a conhecer a situação da igualdade de género em Moçambique tendo em conta o perfil das relações de género onde afirma que as relações de género são caracterizadas pela posição subordinada das mulheres.

Ainda neste contexto, encontramos alguns autores que discutem a questão do género, procurando levantar a ideia da promoção da igualdade de género nos espaços sociais. O estudo de Shenga (2015), mostra que apesar das visões tradicionalistas e modernista sobre a igualdade de género em Moçambique, os indivíduos tendem a formar atitudes que promovam a igualdade social de género e a valorização da mulher. Devido a sua marginalização, a mulher moçambicana tende a promover a igualdade social do género e a sua valorização do que o homem que se encontra numa posição social privilegiada. O autor chega a conclusão de que os moçambicanos tendem a formar atitudes conducentes a uma visão modernista, progressista e desenvolvimentista sobre a igualdade social de género e a valorização da mulher, esta que é activa e não necessariamente submissa aos valores tradicionais que a marginalizam.

Os artigos ilustram a situação da mulher em relação a posição que ocupa na sociedade e a sua luta pela defesa da igualdade, portanto podemos verificar que vários estudos sobre o género em Moçambique, abordam esta questão no sentido da luta pelos direitos humanos, ou ainda sobre o papel da mulher no desenvolvimento do país através da redução da pobreza.

Para mostrar que as relações de género permeiam a vida dos indivíduos em todas as esferas sociais, buscamos o estudo de António & Hunguana (2013) que aborda a questão do género no Ensino Superior em Moçambique olhando para aspectos como o acesso, currículos académicos e exercício de cargos de docência e de liderança nas instituições do ensino superior (IES) mostra que as normas e constrangimentos sociais influenciam a forma como as desigualdades de género reproduzem-se no ensino

superior e, que a análise das relações de género no ensino superior não deve se restringir as suas dinâmicas internas das relações de poder mas também deve envolver a forma como as relações de género se manifestam nas outras áreas de ensino que o antecedem.

### **1.2.2. Género na adolescência**

Segundo Yopez & Pinheiro (2005), as diferenças de género são também gritantes quando se trata dos hábitos, rotinas e vida social dos adolescentes nos diferentes discursos do conjunto dos adolescentes, o peso que os tradicionais papéis de género e os estereótipos sexistas têm nesse contexto sócio-cultural, as próprias mulheres reproduzem esses padrões sexistas de socialização, contribuindo para a reprodução das relações de género vigentes. Os tradicionais papéis de género são quotidianamente reproduzidos, cabendo à mulher os cuidados com a casa e os filhos e ao homem o lugar de provedor financeiro da família, papel desempenhado cada vez mais precariamente em face das adversas condições de inserção em um mercado de trabalho com oportunidades cada vez mais escassas.

Estes autores enfatizam o papel da família como um espaço importante que viabiliza a determinação e a construção do género, na medida em que é centro promotor de práticas sociais que influenciam de forma explícita ou velada os seus referenciais dos adolescentes preferencialmente no contexto da atividade escolar.

Segundo Moreira (2012), as relações que se desenvolvem entre os géneros, são mais intensas na fase da adolescência, argumenta a autora que os comportamentos tais como a necessidade de aproximação física dos adolescentes com os grupos de iguais, a imitação que os pré-adolescentes fazem através de adolescentes mais velhos, os grupos que são formados pelo mesmo objectivo de certa forma as relações em geral, são bases contribuintes para os futuros laços afectivos que se formarão na vida adulta.

O estudo de Osório & Silva (2008), *Buscando Sentidos: Género e sexualidade entre jovens estudantes do ensino secundário em Moçambique*, elabora interrogações sobre a construção das identidades e sexualidades, num processo pleno de ambiguidades e de vários sentidos, tendo como referência a escola, supostamente não apenas o lugar da modernidade como também o da igualdade entre raparigas e rapazes. A pesquisa realizada pelas autoras sobre a construção de identidades juvenis procura encontrar algumas respostas e principalmente, abrir pistas para o conhecimento dos factores que

intervêm na construção identitária dos jovens em processo de escolarização, particularmente para o modo como se apropriam/rejeitam e criam a auto-identidade, enquanto grupo e enquanto indivíduos. Podemos notar neste estudo uma preocupação com a formação da identidade dos jovens adolescentes. Isto mostra que a preocupação com questões de género faz-se sentir não só na camada adulta, mas parte da infância e dita como serão os jovens e os adultos do futuro.

### **1.2.3. Género na infância**

As crianças desde que nascem estão obviamente inseridas em toda e qualquer construção social que possa ser feita a partir delas e do facto de serem meninas ou meninos. De acordo com Sayão (2003), as crianças não são objectos passivos da socialização determinada pelas instituições ou pela família, mas como sujeitos activos e portadores de grande capacidade para produzir cultura. A autora procura pensar na construção de uma cultura infantil atravessada por género, o que significa analisar que os papéis assumidos no jogo e nas brincadeiras estão carregadas de construções culturais, nem sempre aparentes onde algumas vezes estão situadas no plano simbólico ou imaginário.

Estudos de Finco (2003) e Gomes (2005), realizados em Portugal e Brasil respectivamente, procuram analisar a construção da feminilidade e masculinidade num contexto de educação infantil, buscando compreender as significações que as crianças dão a categoria género durante as relações que estabelecem com seus pares nas brincadeiras. Para estes autores é importante compreender como as crianças lidam com as suas relações de género no contexto de educação infantil, onde procuram questionar o facto natural de que meninos e meninas possuem papéis e comportamentos pré-determinados.

Os autores chegam a conclusão de que a escola participa subtilmente na construção da identidade de género e de forma desigual, ao separar as crianças de acordo com o género e as brincadeiras que são para meninas e meninos, Gomes (2005), Acrescenta que neste espaço as crianças vão construindo suas relações sociais por meio de linguagem que elas vão aprendendo com outras crianças e com os adultos, onde desenvolvem a sua capacidade activa, no processo de constituição de suas subjectividades durante a interacção com o outro.

Realizado no contexto brasileiro, o estudo de Reis (2008) procura analisar o género, a infância e os estereótipos sexuais, partindo da ideia segundo a qual, a construção social do género é influenciada pela educação sexual familiar. Segundo Reis (2008), os estereótipos sexuais são reproduzidos na interação entre os filhos e as mães, seja pela concepção pessoal sobre o feminino e o masculino, seja pela atribuição de vantagens e desvantagem que relacionam ao género. Para o autor as mães reforçam uma visão estereotipada sobre o género, contrariamente da abordagem anterior que sugere que a educação de infância gera de forma subtil a segregação segundo o género nas crianças.

A brincadeira ocupa um lugar importante no processo de construção das identidades de meninos e meninas afirma Finco (2003), o estudo realizado em Portugal procura compreender o que as crianças sabem e aprendem acerca do género através das suas brincadeiras. A autora conclui que os significados de género são impressos nos corpos de meninos e meninas de acordo com as expectativas colocadas diariamente para as crianças, na forma como as professoras interagem com elas. Os corpos de meninas e meninos passam, desde muito pequenos, por um processo de feminilização e masculinização, responsável por torná-los “mocinhas” ou “mocinhos.

Um estudo feito no contexto moçambicano sobre as relações e dinâmicas de socialização infantis, versa sobre os 4 eixos que caracterizam a infância e este constitui o nosso ponto de partida para a pesquisa, concretamente quando falamos do carácter lúdico nas brincadeiras das crianças. Através da etnografia com duração de cinco meses na Cidade da Matola, Moçambique; as crianças moçambicanas possuem tarefas e responsabilidades pautadas na divisão social do trabalho. Entre suas actividades, sejam estas domésticas, comunitárias ou escolares, há espaço para o brincar. O lúdico e o riso permeiam o imaginário e os mundos infantis, produzindo formas de ser, estar e actuar no mundo que partilham e ao qual pertencem (Pastore & Barros, 2015).

Ainda neste contexto (Colonna & António, 2014) apresentam-nos um texto sobre as brincadeiras das crianças, designado “*A hilwe yo thlanga*”, estes apresentam dados empíricos sobre a importância das actividades lúdicas no quotidiano das crianças moçambicanas, mesmo no contexto de pobreza. Para além das brincadeiras as crianças desenvolvem outras actividades como trabalhos domésticos e a escola, sendo que estas ocupam maior parte do seu tempo, contudo as crianças sempre arranjam tempos e espaços para esta actividade, onde pode não haver brinquedos nas brincadeiras, o que

nunca falta é um companheiro, para os autores as crianças enquanto crianças, tem de conjugar exigências, e expectativas diferenciadas e ainda conseguir brincar e ser crianças, embora para elas, isso seja parte da sua rotina diária.

As abordagens acima referidas são bastante importantes para dar a conhecer sobre o fenómeno em análise, embora os estudos sobre o género sejam uma preocupação, consideramos que vários são os empreendimentos que buscam analisar as relações sociais baseadas no género, contudo é possível notar que os estudos sobre o género partem de uma perspectiva adultocêntrica, ou seja, abordam o género na perspectiva da mulher (adulta). De acordo com vários estudos a luta pelo emponderamento das mulheres, verifica-se em todas as sociedades onde vários são os movimentos que lutam pelos direitos humanos das mulheres como afirmam os seguintes estudos (Osório, 2007; Shenga, 2015).

Reconhecemos a existência de estudos que abordam o género na fase da adolescência, buscando compreender como os jovens e adolescentes constroem a sua identidade tendo em conta os valores culturais. A escola pode oferecer, pelas finalidades que persegue, pelas interações que estabelece e pelos conteúdos que transmite, recursos e oportunidades que ao serem mobilizados pelos jovens podem romper, reajustar e/ou recompor o espantilho imposto pelo modelo patriarcal, (Osorio & Silva, 2008). Vários estudos que abordam o género na infância em outros contextos, procuram dar ênfase a questão do género num contexto de educação infantil. Em Moçambique, bem como noutros países de África os estudos sobre Infância são escassos (Colonna, 2009), a autora acrescenta que são raros os estudos que objectivam analisar a realidade das crianças consideradas “normais” dentro de um determinado contexto e mais raros ainda estudos que apresentam o ponto de vista das próprias crianças.

### **1.3.Problema de pesquisa**

A partir desta revisão de literatura é possível notar que existe uma escassez de estudos que procuram relacionar o género e a infância em Moçambique. Podemos constatar também, que a variável género é muitas vezes discutida como estratégia de género, onde busca-se mecanismos de empoderamento e participação da mulher na tomada de decisão.

A partir do género é possível desconstruir as diferenças hierárquicas, as formas de dominação sejam entre homens e mulheres, crianças e adultos. Para uma análise destes como objectos é preciso abarcar não só os valores e atributos que cada cultura confere aos sujeitos naquele contexto, mas sobretudo implica desconstruir e desmitificar as hierarquias, diferenças e relações de poder (Sayão, 2003).

Existem realidades sociais que somente a partir do ponto de vista das crianças e dos seus universos específicos “culturas infantis” podem ser descobertas, apreendidas e analisadas, (Marchi, 2011). Não basta considerar que há meninos e meninas no espaço infantil, é preciso saber como crianças produzem e reproduzem em suas relações, modos de ser homem e mulher, ou menino e menina, que trazem como consequência para a sua convivência com o grupo, assim como para suas vidas (Sayão, 2003).

De acordo com Gandum (2014), existe uma necessidade de valorizar as experiências e ideias das crianças, mas também os contextos onde estas se movem e com os quais interagem. Afirma ainda que a educação de infância é concebida como um espaço privilegiado de partilha e vivência em grupo, onde importa que haja lugar para dialogar sobre várias temáticas, nas quais se inscrevem as questões do género, portanto procuramos neste estudo analisar através do brincar ao faz-de-conta, como é que são construídas as relações de género na infância, ao que levantamos a seguinte pergunta de pesquisa: **De que forma as crianças constroem as relações de género durante as suas brincadeiras de faz-de-conta?**

Tendo em conta que o nosso objectivo geral é compreender de que formas são construídas as relações de género no brincar ao faz-de-conta, não partimos com hipóteses, apenas procuramos através da teoria descrever como são construídos estas relações de género no contexto das brincadeiras. Assim, apresentamos no próximo capítulo, o quadro teórico e conceptual que orienta a nossa visão nesta pesquisa.

## **Capítulo II: Quadro teórico e conceptual**

Neste capítulo passamos a apresentar a teoria que permitirá fazer uma leitura da realidade que nos propomos a debater no presente trabalho, em seguida faremos a definição dos conceitos e a forma como estes serão aplicados neste estudo.

### **2.1. Teoria Interpretativa**

A perspectiva teórica que propomo-nos a trazer nesta pesquisa é a teoria interpretativa de William Corsaro (2002). William Corsaro é visto como o representante da corrente interpretativa na sociologia da infância, por encarar a acção social das crianças como uma actuação mais interactiva do que passiva ou meramente reprodutiva. As crianças são consideradas seres sociais imersos, desde cedo, em uma rede social já estabelecida de relações sociais, e por meio do desenvolvimento da comunicação e da linguagem – o que possibilita uma maior interacção com os outros – constroem seus mundos sociais o que o autor chama de reprodução interpretativa. Assim as crianças em suas interacções, buscam interpretar a cultura da qual fazem parte.

Associando a reprodução interpretativa, com o contexto de interacções sociais, ampliam suas possibilidades de assimilar o mundo que as rodeia, expandindo, assim, as culturas de pares e reconstruindo a cultura adulta. A ideia de “Reprodução” significa que as crianças não apenas internalizam a cultura, mas contribuem activamente para a produção e a mudança cultural. Significa também que as crianças são circunscritas pela reprodução cultural, isto é, crianças e suas infâncias são afectadas pelas sociedades e culturas das quais são membros, (Corsaro, 1997). A perspectiva “interpretativa” busca captar os aspectos inovadores da participação das crianças na sociedade, pressupondo que em suas interacções, principalmente no grupo de brincadeiras, as crianças criam culturas singulares por meio da apropriação criativa das informações do mundo adulto de forma a atender aos seus interesses próprios enquanto crianças, (Brandao, 2010).

Brandao enfatiza o conceito de cultura de pares, que este configura-se como um conjunto de actividades ou rotinas, artefactos, valores e preocupações que as crianças produzem e partilham na interacção com os seus pares. As crianças colectivamente negociam, compartilham e criam cultura com os adultos e umas com as outras no intuito de compreender e inserir-se no contexto social do qual fazem parte, ao mesmo tempo

em que atendem às curiosidades e demandas do próprio grupo de pares, (Seixas, Becker, & Bichara, 2012).

Segundo Corsaro (2002), as crianças apropriam-se criativamente da informação do mundo adulto para produzir a sua própria cultura de pares, tal apropriação é criativa na medida em que tanto expande a cultura de pares, ou seja, transforma a informação do mundo adulto de acordo com as preocupações do mundo dos pares, como simultaneamente contribui para a reprodução da cultura adulta. Corsaro (2002), procura trazer a ideia do brincar sócio-dramático como uma parte da reprodução interpretativa, e este brincar refere-se à aquele no qual as crianças reproduzem actividades de faz-de-conta que estão relacionadas com experiências das suas vidas reais. O autor tem como objectivo demonstrar como é que crianças pequenas na produção do brincar sócio dramático usam o largo espectro de competências comunicacionais discursivas, e participam colectivamente em cultura de pares, apropriando-se de características que permitem desenvolver uma orientação para a vasta cultura adulta (Corsaro, 2002).

A brincadeira de faz de conta é uma modalidade lúdica onde revela-se mais claramente as preferências e as diferenças de género. Na medida em que a criança brinca de faz-de-conta, ela está apropriando-se das representações sociais de género e a partir disso, elas criam a sua identidade. Quando fala-se de género, as crianças actuam claramente nas atribuições do seu próprio género, caracterizando-o de forma estereotipada, influenciando as rotinas de pares e solidificando as concepções desenvolvidas pelos brincantes a respeito das diferenças sexuais. Então, elas apropriam-se dos elementos fornecidos no brincar sócio-dramático acerca das acções dos adultos na cultura e no momento histórico em que elas vivem (Brandão, 2010).

Este estudo procura dar ênfase a voz das crianças e com base na teoria interpretativa, iremos analisar o brincar sócio-dramático e os discursos das crianças acerca do género, tendo em conta que estas procuram reproduzir e recriar a cultura dos adultos. Segundo esta teoria é importante destacar que as rotinas que as crianças reproduzem incluem embelezamento dos modelos adultos para realçar tanto as preocupações colectivas como pessoais na cultura de pares, o que permite confrontar as estruturas objectivas ou circunstanciais das suas vidas quotidianas.



## **2.2. Definição e operacionalização dos conceitos**

Na seguinte secção, propomo-nos a apresentar os conceitos que foram usados na nossa reflexão, que serviram como base de análise e que permitiram compreender o foco das constatações que trazemos nesta pesquisa.

### **2.2.1. Género**

Para Scott (1995), género é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebida entre os sexos, que fornece um meio de descodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre as várias formas de interacção humana. Segundo a autora, ele é uma construção social que numa dada cultura estabelece ou elege uma relação equitativa entre os homens e mulheres. Assim, o conceito de género implica conhecer, saber mais sobre as diferenças sexuais e seus significados.

Género é uma forma de compreender como constituem-se as relações de género entre homens e mulheres face a distribuição de poder. Para Santos (2005), a diferenciação sexo/género entende os sistemas de género enquanto mecanismos culturais elaborados para lidar com as diferenças de sexo e questões relativas a reprodução social e biológica, o género está relacionado aos aspectos socialmente construídos das diferenças biológicas e sexuais. O conceito de género foi elaborado para evidenciar que o sexo anatómico não é o elemento definidor das condutas da espécie humana.

De acordo com Santana & Benevento (2013), género refere-se as relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que são o resultado de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais. O papel do homem e da mulher, é constituído culturalmente e muda conforme a sociedade e o tempo; esse papel, começa a ser construído antes do nascimento do bebé, depois que nasce o bebé, identifica se, o género onde começa a receber mensagens sobre o que a sociedade espera desta menina ou menino. Por ter genitais masculinos ou femininos, eles são ensinados na família, na escola, na mídia, na sociedade em geral, diferentes modos de pensar, sentir, de actuar.

Esta definição de género guia o nosso estudo visto que enfatiza a ideia segundo a qual o género é socialmente construído e os papéis de género são atribuídos antes do nascimento da própria criança, quando se tem expectativas em relação ao sexo da criança, portanto partindo deste pressuposto, acreditamos que a criança percebe as diferenças de género quando dentro da família lhe são transmitidos conhecimentos e expectativas acerca do seu comportamento. Neste caso procuramos compreender como ela constrói estas diferenças durante as suas interações tanto com os adultos e principalmente com as crianças.

### **2.2.2. Infância**

De acordo com Ariès (1978), apud Castro (2014), a criação do conceito infância é um fenómeno histórico, que surge na idade moderna, cuja principal característica foi o facto de as crianças estarem inseridas no mundo adulto sem diferenciação específica. Este autor identificava a coexistência entre sentimentos de indiferença e insensibilidade em relação a criança. O sentimento da infância pode ser percebido em dois momentos distintos, no primeiro ela surge no meio familiar, denominado *paparicação*, onde a criança é vista como um mero objecto de diversão, reduzindo-a a fonte de distração entre os adultos, o segundo momento é o da moralização, onde preocupou-se em disciplina-las dentro dos princípios morais associados aos cuidados com a saúde e higiene.

Para Jeaveu (2005), o conceito de infância é polissémico e chama atenção para o campo semântico dos termos infância e crianças. Para este autor a infância como construção social é sempre contextualizada em relação ao tempo, ao local e à cultura, variando segundo a classe, o género e outras condições sócio económicas. Por isso, não há uma infância natural nem universal, nem uma criança natural ou universal, mas muitas infâncias e crianças; as crianças com actores sociais, nos seus mundos de vida, e a infância, como categoria social do tipo geracional, socialmente construída.

Segundo Kohan (2008), apud Barbosa (2014), o conceito de infância apresenta, três fases, a primeira trata-se de uma fase em que a infância não tinha características próprias, centrava-se numa visão futurista onde via-se apenas possibilidades, esta era vista como um ser potencial, embora essa potencialidade não permitia que ela fosse o que é, na segunda fase a infância era vista como uma fase da vida inferior a vida adulta, na terceira fase a infância era vista como um ser em fase de crescimento, desprezado, e

por fim define o conceito de infância como o devir-ser, ou seja, como possibilidade e inferioridade, enquanto possibilidade, significa ver a criança numa visão futura, pois ela não é vista como ela é, mas como possibilidade daquilo que será; enquanto possibilidade este refere-se ao outro desprezado.

Segundo Sarmiento (2005) a infância é a condição social e historicamente construída, pois exprime as aspirações e as recusas da sociedade e dos adultos que nela vivem, ou seja, a infância é um dado historicamente construído a partir dos interesses sociais, económicos, culturais, políticos ou outros de uma dada sociedade, num determinado tempo e lugar. A constituição de uma sociologia da infância deveu-se, principalmente, à oposição à concepção de infância enquanto simples objecto passivo de uma socialização regida por instituições e por adultos. Assim como Javeau (2005), Sarmiento (2005), também avança a ideia da existência de múltiplas infâncias, isto é, existem diferentes formas de ser criança.

Nosso objectivo neste trabalho è trazer o carácter interpretativo das crianças, onde consideramos que esta forma de perceber a infância, vai de acordo com os nossos objectivos, visto que trazem-nos a ideia de que as crianças participam colectivamente na sociedade e são dela sujeitos activos e não meramente passivos. Por tanto no âmbito deste trabalho, levaremos em conta o conceito que nos é apresentado por Sarmiento (2005), onde afirma que as crianças são seres sociais e a concepção de infância varia de acordo com o contexto histórico, e que existem diferentes formas de ser criança, as culturas infantis não apresentam-se homogéneas, as crianças percebem os mundos tanto adultos ou infantis de forma diferenciada.

### **2.2.3.Crianças**

A Convenção da carta dos direitos das crianças (aprovada na 44ª sessão da ONU, 1989 e ratificada pelo conselho nacional de Ministros), define criança como todo ser humano com menos de dezoito anos, excepto, se a lei nacional conferir-lhe a maioridade mais cedo. No entanto a maioridade em Mocambique é conferida aos indivíduos com vinte e um anos.

O facto de a criança ter sido sempre considerada a partir das instituições que a acolhem (família e escola), fez com que o estatuto de actor social cognoscitivo lhe tenha sido comumente negado nas pesquisas. A causa de ordem social “invisibilidade histórica e cívica” diz respeito à concepção das crianças como seres incompletos ou “em trânsito”

para a idade adulta e ao seu confinamento ao espaço doméstico ou às instituições de educação e guarda (Marchi, 2011).

Segundo Jeaveu (2005), o termo criança remete a uma concepção psicológica, à preocupação com o sujeito criança em si, considerando as suas características individuais. O autor destaca: “ a criança construiu-se um objecto abstracto destinado a passar por níveis diversos e sucessivos e aquisição de competências, cada um deles constituindo uma etapa na fabricação da personalidade dos indivíduos. O termo *crianças* relaciona-se ao campo antropológico ou socio-antropológico, podendo ser consideradas como “uma população ou conjunto de população com plenos direitos científicos, com seus traços culturais, seus ritos, suas linguagens, suas imagens e acções”.

No âmbito deste trabalho, o conceito trazido por Jeaveu (2005), torna-se aplicável, visto que enfatiza o carácter social da criança, onde afirma que não se nasce criança, mas torna-se, nesse âmbito as crianças arranjam suas existências quotidianas com os meios que podem, esses meios lhes são dados pelos dispositivos de socialização que são impostos. Entretanto, consideramos crianças, aquelas que estão em idade pré-escolar, concretamente no jardim da infância.

#### **2.2.4.Cultura de pares**

Segundo Corsaro (1997) a cultura de pares è um conjunto de atividades, rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e partilham na interação com seus pares, isto é, com as outras crianças. As crianças criam atividades baseadas no acto de brincar, na imaginação e na interpretação da realidade de uma forma própria dos grupos infantis. Afirma ainda que cultura de pares como “um conjunto estável de actividades ou rotinas, artefactos, valores e interesses que as crianças produzem e compartilham na interacção com seus pares” Corsaro (2009). Cultura produzida pelas crianças que tem na escola um importante espaço de produção pela continuidade das relações que se estabelecem entre elas, o brincar como um dos traços fundamentais das culturas de pares infantis (Ferreira, 2004).

A cultura de pares permite às crianças apropriar, reinventar e reproduzir o mundo que as rodeia numa relação de convivência, que favorece a construção de fantasias, representação de cenas do quotidiano, que estão implicadas nos processos de

identificação social. Ferreira (2004) que propõe compreender o lugar das crianças como atores sociais, que participam do processo de formação e de transformação das regras da vida social e “os procedimentos que habitualmente as mobilizam para significar, construir e reconhecer o seu mundo da vida quotidiana, a partir de suas próprias perspectivas”

### **Capítulo III: Metodologia**

Neste capítulo pretendemos apresentar os aspectos metodológicos que guiaram este estudo. Procuramos apresentar os métodos de pesquisa, as respectivas técnicas de colecta de dados, de seguida o universo e a amostragem, as técnicas de análise de dados, as questões éticas e por fim os constrangimentos e limitações da pesquisa.

A presente pesquisa é de carácter qualitativo, pois de acordo com Minayo (1994), esta busca encontrar os significados, as motivações, atitudes e aspirações. Assim, este método permitiu compreender as percepções das crianças sobre como elas constroem suas relações de género, dando voz às mesmas como actores capazes de exteriorizar seus conhecimentos sobre o mundo social.

#### **3.1. Método de pesquisa**

Segundo Qvortrup (2005), existem muitas formas de reunir a informação sobre a vida das crianças e sobre a infância e a definição dos procedimentos metodológicos a serem utilizados. Isso necessita que se decorra dos objetivos e problemas de pesquisa. Assim, de acordo com os objectivos desta pesquisa, procuramos usar o método etnográfico. Este procedimento, permite e implica uma participação mais directa das crianças.

Nos estudos etnográficos, procura-se aspectos simbólicos e culturais da ação social, os aspectos da existência que revelam-se fundamentais na interpretação dos enunciados, as emoções e os sentimentos; como as pessoas envolvidas no estudo atribuem sentidos para os factos da vida; como interpretam suas experiências ou estruturam o mundo no qual vivem. Como temos afirmado, o principal instrumento de pesquisa é o próprio investigador que observa locais, objetos e símbolos, pessoas, atividades, comportamentos, interações e situações. A presença diária do investigador introduz no local novas relações sociais, não só no que diz respeito às relações entre observador e observados (Delgado & Muller, 2005).

### **3.2. Entrada no Campo**

A entrada no campo é uma etapa importante pois dita como será dirigido o processo de recolha de dados. Para a realização deste trabalho a entrada no campo iniciou em Fevereiro de 2017 e teve a duração de seis (6) semanas, onde, consistiu em observar as brincadeiras das crianças, de forma a compreender como eram construídas as relações de género pelas mesmas, contudo deveríamos criar mecanismos para que as crianças estivessem a vontade perante a nossa presença. Nos primeiros dias as crianças nos viam como estranhos e procuravam entender a razão da nossa presença no Centro faziam perguntas as educadoras. Três dias se passaram e chamavam de “titios”, nós ajudávamos as educadoras com as tarefas e ao mesmo tempo procurávamos, nos colocar perto das crianças para conversar e fazer perguntas acerca das suas brincadeiras, quanto aos desenhos, pedíamos as crianças que em casa fizessem desenhos com as suas famílias, sobre com quem vive, foi imprescindível o uso de um diário de campo, onde fazíamos anotações sobre tudo o que se passava no Centro, o que também despertou a curiosidade das crianças. As crianças convidavam-nos para fazer parte das brincadeiras e quando aceitávamos, elas ficavam admiradas e felizes, pois não era habitual para as educadoras.

### **3.3. Universo e amostra**

A delimitação do universo consiste em explicitar que pessoas ou coisas, fenômenos serão pesquisados, enumerando suas características comuns, (Marconi & Lakatos, 2003). O nosso universo é constituído por crianças, dos 2 aos 5 anos, que frequentam o Centro Infantil Sol de Khongolote, na Cidade da Matola. Na amostra procuramos alguns elementos que constituem o nosso conjunto e a totalidade destes elementos ou das unidades constitutivas do conjunto chama-se população, (Quivy & Campenhoudt, 1998). Neste estudo, etnográfico não foi de extrema importância delimitar o número de crianças, pois este estudo foi realizado em um centro infantil, a amostra foi do tipo intencional, onde procuramos crianças que se encontravam a brincar ao faz-de-conta, ou que geralmente fazem parte dos grupos das crianças que fazem a mesma brincadeira.

### **3.4. Técnica de recolha de dados**

Procuramos posicionar-nos como adultos pesquisadores que estavam interessados em conhecer mais sobre as crianças e que tinham interesse em observar, acompanhar e saber mais sobre suas experiências. Tratando-se de uma pesquisa com crianças,

procuramos dar ênfase aos métodos de pesquisa com crianças, concretamente a etnografia. A recolha de dados foi feita a partir da observação participante, com o auxílio de conversas informais.

### **3.4.1. Observação Participante**

A observação participante é uma técnica que tem sido muito usada nas pesquisas com crianças. Esta técnica, possibilita o acesso dos adultos ao que as crianças pensam, fazem sabem, falam e como vivem, (Filho & Barbosa, 2010). A observação participante permitiu-nos participar nas brincadeiras das crianças, onde ficamos a saber das suas experiencias e diferentes modos de pensar, agir e estar das crianças dentro do Centro. Estas brincadeiras eram realizadas durante as horas em que as crianças não estavam em actividades e principalmente na hora de saída e de chegada das crianças. Em primeiro lugar, para penetrar no mundo das crianças e logo, aprender sobre suas culturas a partir da perspectiva delas, precisamos abandonar o ponto de vista adulto, o que significa torna-nos adulto atípico<sup>2</sup>.

### **3.5. Técnica de análise de dados**

Durante a estadia no campo, foi usado um diário de campo, as conversas anotadas no diário de campo, foram, redigidas e organizadas de acordo com os objectivos do trabalho. Esta análise foi feita em três momentos, o primeiro momento foi da descrição as brincadeiras das crianças, o segundo consistiu na identificação dos papéis de menino e menina, onde dividimos em dois espaços, o espaço da “casinha” onde identificamos papéis ligados com a família e o segundo é o espaço fora de casa, que estava ligado ao desempenho de funções fora da esfera privada, e por fim analisamos como eram construídos esses papéis.

### **3.6. Questões éticas**

De acordo com Fernandes (2008), quando construímos com as crianças possibilidades de discutir e negociar o processo de investigação, devemos, sempre, estar preparados para as complexidades que daí advêm, pois, a imaturidade da criança é algo que não pode ser assumido como tácito, tal como a imaturidade do pesquisador adulto. Elas

---

<sup>2</sup> Ser adulto atípico significa participar nas actividades das crianças, sem afectar as suas rotinas e requer deixar de lado o facto de ser adulto e isso supõe, se abster de iniciar ou terminar episódios, resolver disputas, coordenar actividades... (Corsaro, 2002)

coexistem em um tempo-espço e exigem, principalmente do adulto, competências de enfrentamento que respeitem diferentes alteridades e imaturidades.

Ainda Fernandes (2008), baseada na Convenção sobre os direitos da criança, afirma que um dos princípios orientadores da salvaguarda e respeito pelos direitos da criança, é o interesse superior da mesma, também devemos considerar as opiniões e perspectivas das crianças. Durante a observação este foi o nosso principal objectivo no que diz respeito as questões éticas, durante o processo de pesquisa as crianças estiveram no centro da nossa atenção.

De acordo com Colonna (2012), na sua tese sobre a vida quotidiana das crianças na periferia de Maputo, no que diz respeito as questões éticas, chama atenção a sensibilidade do pesquisador e a reciprocidade. No que diz respeito a sensibilidade, tomamos o devido cuidado, pois respeitávamos os momentos das brincadeiras das crianças, de referir que os nomes usados na apresentação dos resultados são fictícios. A questão da reciprocidade foi respeitada de acordo com os interesses das partes envolvidas, numa relação de troca, as crianças sentiam-se satisfeitas pois tinham uma “titia” para brincar e dar atenção as suas brincadeiras e com isso conseguíamos ter um espaço de conversa prolongado, ou seja, em troca de assistir as suas brincadeiras devíamos escutar, brincar quantas vezes fosse necessário de acordo com a vontade das crianças.

### **3.7. Constrangimentos**

O principal constrangimento na realização do trabalho foi durante o trabalho de campo, esta foi uma tarefa extremamente difícil de executar, pela dificuldade de compreensão por parte dos responsáveis, sobre o propósito que nos levava ao Centro Infantil, pois na maioria das vezes, quando os estudantes dirigem-se aos centros infantis, são estes enviados pela direcção da educação, para cumprirem um estágio profissional, com vista a adquirirem o certo grau de ensino ou para tornarem-se educadores. Portanto a dificuldade em explicar o porque da nossa ida ao centro constituiu um grande constrangimento, devido a falta de conhecimento também sobre a matéria, (Sociologia da infância) e explicar que a nossa presença no centro não estava ligada a área de intervenção social, como eles inicialmente haviam percebido. Durante os primeiros dias não nos dirigimos as crianças, esperamos que elas viessem ter connosco e a demora de



certa forma foi desesperadora, embora permitisse com que conhecêssemos os seus nomes e comportamentos.

## **Capítulo IV: O género nas brincadeiras de faz-de-conta**

Neste capítulo, faremos a apresentação e análise dos resultados recolhidos durante o trabalho de campo e as considerações finais do trabalho. A nossa análise será baseada nos objectivos específicos que nos propomos a discutir, onde para compreender como as crianças constroem as relações de género durante as brincadeiras do faz-de-conta, achamos importante descrever o contexto da pesquisa, identificar as brincadeiras, os papéis dos meninos e das meninas, analisar como estes constroem-se e por fim as considerações finais.

### **4.1. Contexto da Pesquisa**

O Centro Infantil Sol de Khongolote, localiza-se no Bairro de Khongolote no Posto Administrativo de Infulene, no Município da Matola, na Província de Maputo. Segundo o relatório de planificação e Urbanização na cidade da Matola, o dinamismo económico aliado a disponibilidade de terra urbanizável levou com que a população do município fosse estimada em 827 mil habitantes; e devido ao rápido processo de urbanização a maior parte da população deste Município vive nas zonas peri-urbana, ou suburbana, sendo que Khongolote esta incluso nesta zona chamada de expansão. Tendo a sua população aumentado significativamente num curto período de tempo, houve necessidade assim de serviços como hospitais e escolas.

Neste âmbito foi criado o Centro Infantil Sol de Khongolote, como iniciativa privada com capacidade para receber 120 crianças, mas até a altura da realização do trabalho de campo contava com 33 crianças, segundo a Directora do Centro<sup>3</sup>. Durante a recolha de dados foram feitos desenhos e conversas que nos permitiram perceber que a maior parte das crianças vive arredores do Centro e a sua maioria os progenitores trabalham longe de casa, sendo na sua maioria trabalhadores na cidade de Maputo e outros na cidade da Matola, a minoria as mães são “donas de casa”. As crianças do centro são provenientes de famílias diferenciadas em relação ao nível sócio – económico, algumas crianças relatam que os pais os levavam a escolinha de carro pessoal, algumas vão de carrinha e a maioria a pé pelo facto da escolinha estar perto de casa.

---

<sup>3</sup> Por ser um bairro considerado de expansão houve a necessidade de abertura de mais centros infantis por iniciativa privada, por isso que este centro contava com poucas crianças comparado com o período da sua abertura.

## **4.2. As brincadeiras das crianças**

De acordo com Pastore & Barros (2015) o brincar aparece como fundamental para o desenvolvimento e a construção de saberes e conhecimentos, agregados a valores culturais e sociais, além das responsabilizações e relações que as crianças estabelecem entre pares e com os adultos, neste sentido as crianças no Centro infantil, possuem um conjunto de actividades pré-estabelecidas pela direcção e brincadeiras livres, onde por vezes não importa em que momentos o fazem. Neste contexto tentamos descrever as brincadeiras, de acordo com as idades, pois é desta forma que as crianças também encontram-se organizadas no centro infantil.

A nossa observação permitiu dividir os espaços das brincadeiras em: Chegada ao Centro, recreio e na hora da saída do centro. No que diz respeito as brincadeiras, procuramos dividir as crianças em dois grupos, onde o primeiro grupo é constituído pelas crianças dos dois aos três anos, nesta faixa etária, podemos destacar brincadeiras tais como:

- ✓ Brincadeiras organizadas pelas educadoras (brincadeira do circulo, “fazer o comboio”, jogar a bola e cantar);
- ✓ Imitar os meninos mais velhos;
- ✓ Saltar e perseguir os mais velhos;
- ✓ Faz-de-conta são bebés.

As crianças dos quatro aos cinco anos fazem parte do outro grupo, onde partilham as mesmas brincadeiras das quais podemos destacar as seguintes:

- ✓ Brincadeiras organizadas pelas educadoras (brincadeira do circulo, “fazer comboio”, jogar a bola e cantar);
- ✓ Imitar personagens de filmes, novelas e desenho animado;
- ✓ Faz-de-conta são pais, (conversas).

De acordo com a descrição das brincadeiras podemos considerar que existem brincadeiras que as crianças partilham independentemente do sexo ou idade, referimo-nos as brincadeiras organizadas pelas educadoras, as brincadeiras espontâneas (realizadas em momentos inapropriados, como na casa de banho, no refeitório, no dormitório) e as brincadeiras em que existe interesse por parte dos meninos mais velhos, em partilhar com as crianças mais novas. A “turma dos bebés (dois aos três anos)” e a

“turma dos meninos (dos quatro aos cinco anos) ” são separadas durante algumas actividades relacionadas com as lições ensinadas pelas educadoras, onde os meninos estão mais avançados em relação aos bebés, embora existam actividades que fazem juntas dependendo dos dias.

Durante algumas brincadeiras as crianças dos dois aos três anos são excluídas pelas crianças dos quatro e cinco anos, contudo, estas não se mostram passivas a esta exclusão, procuram em todo momento juntar-se as crianças mais velhas, perseguem os mais velhos, como forma de reivindicar o lugar de incapaz. As crianças mais novas procuram sempre fazer parte das brincadeiras com os meninos, daí que muitas vezes são atribuídos papéis de “bebés” durante as brincadeiras em que meninos fazem de contas que são pais. Foi possível notar que muitas vezes os “bebés” procuram imitar as crianças mais velhas, em todas as brincadeiras, o que para elas, atrapalha as brincadeiras. Esta forma de organização criada pelas crianças mais velhas para as brincadeiras, não inclui o género, os bebés são vistos como tais independentemente do género, não existe bebé menina ou menino para as crianças.

Para as crianças dos quatro aos cinco anos, além das brincadeiras organizadas pelas educadoras, elas desenvolvem as suas próprias brincadeiras, como imitar personagens de filmes, cantores novelas, o faz de contas é a brincadeira principal entre estas crianças. Nesta brincadeira as crianças reproduzem e recriam momentos da vida quotidiana, onde tem como referência os pais, os irmãos, os tios os educadores e outros. Nesta fase existe uma selecção feita pelas crianças no que diz respeito a idade e ao sexo em relação a idade existe uma dificuldade em fazer brincadeiras com as crianças menores e no que diz respeito ao sexo, é possível notar que existe uma pequena separação de acordo com as brincadeiras, pois indícios que mostram que meninos têm brincadeiras só de meninos.

#### **4.3. Os papéis de género nas brincadeiras**

Nesta secção, procuramos identificar os papéis desempenhados pelas crianças durante as brincadeiras de faz-de-conta. Para tal, consideramos importante referenciar que a partir deste objectivo o nosso principal foco foram as crianças dos quatro aos cinco anos, pois é nesta faixa etária que começamos a perceber sinais de separação de acordo com o sexo. A brincadeira recorrente nesta idade é o faz-de-conta, sendo assim, procuramos distinguir as brincadeiras de acordo com cada relação social, que as

crianças reproduzem nesta brincadeira e procuramos através da forma como as crianças se organizam para fazer as brincadeiras, perceber as práticas relacionadas com género entre as crianças, onde identificamos relações de género na esfera privada e relações de género na esfera pública. Na esfera privada temos a família, onde as crianças procuram reproduzir os papéis de género a nível da família. Na esfera pública, falamos da vida profissional, as crianças procuram reproduzir questões de género “fora de casa” e muitas vezes em ambientes de trabalho.

#### **4.3.1. A brincadeira da casinha: Relações de Género na Família**

Durante o faz-de-conta, observamos a brincadeira da “casinha” organizada por seis crianças, sendo três meninas e três rapazes. Nesta brincadeira são escolhidos diversos personagens que desempenham vários papéis de acordo com a vontade das crianças no momento. No primeiro dia observamos que durante esta brincadeira, existia uma mãe e um pai, no segundo dia só existia um pai, no terceiro dia não tinha nenhum dos dois, as brincadeiras, assim como os papéis variam todos os dias dependendo da vontade das próprias crianças, ou seja, não é algo fixo.

Na brincadeira a seguir o Francisco interpreta o papel de marido, a Carla a mulher, o Luís e o Carlos são os amigos do casal.

*Francisco - Vou sair para trabalhar, vou levar camião hoje!  
Quando voltar quero ver jogo com meus amigos!*

*Carla - Está bem! Eu também vou sair para trabalhar, mas  
vou passar deixar bebé na escolinha!*

*Carla - Hoje vamos a pé, porque o meu carro estragou-se,  
talvez só posso trocar roda!*

*Carlos - Como? (Risos).*

*Carlos - Não vai conseguir sozinha!*

*Carla - Espera para ver (...)!*

*Luís – (...) Hoje eu vou cozinhar!*

*Carla - Que bom! (...)*

*Carlos - Mas podemos chamar uma menina para cozinhar.*

*Luís - Não, eu vou cozinhar.*

Nesta brincadeira, vimos que o Francisco ao afirmar que vai trabalhar, vai levar o camião e por fim vai assistir ao jogo. Estas actividades sugerem que este procura desempenhar papel de um homem tradicional na brincadeira. A Carla afirma que vai trabalhar, mas não deixa de lado o seu papel de mãe tradicional, pois para além de exercer actividades “fora de casa”, não deixa de lado o seu papel de cuidadora, ao afirmar que vai levar o bebé a escolinha, então aqui pode discutir sobre a dupla jornada das mulheres, que é de cuidar da casa e de trabalhar. Outro elemento que importa discutir neste trabalho é a negociação dos papéis de género, quando a Carla afirma que pode trocar os pneus do carro, sendo que para o Carlos esta tarefa não é dedicada as mulheres.

Durante a mesma brincadeira, o Luís disponibiliza-se para cozinhar enquanto a Carla vai trabalhar, esta atitude deixa os outros meninos em dúvida, a cozinha para eles é algo especialmente para mulheres, embora não tenham manifestado eles fazem perguntas. Ao questionarmos se o Luís gostava de cozinhar afirma que sim, homens cozinham, o pai dele, cozinha, e já viu homens a cozinhar na televisão, por sua vez o Carlos afirma que já viu homens a cozinhar, mas quando se trata de cozinhar nas brincadeiras com meninas ele deixa a tarefa para elas.

Ao observarmos as crianças que brincavam “à casinha” durante alguns dias, procuramos identificar os papéis mais interpretados pelas mesmas, sendo que estes variam de criança para criança e do dia. Os papéis mais destacados foram: pai, mãe, educadora, trabalhadora, lutador, cozinheiro, babá, engenheiro, o bêbado, estudante, irmãos mais velhos e mais novos, mordomo, jogador, médicos, cabeleireiro. Quando se trata de algo que quebra com a norma da brincadeira, notamos que as crianças são capazes de reinventar e assimilar o novo papel de (pai que não trabalha), tentando ajustá-lo a sua brincadeira.

Na seguinte brincadeira encontramos crianças do quarto ano a brincarem o faz-de-conta, e interpretavam papéis de mães onde a Sara é mãe do Paulo, e nesta brincadeira o Fernando é repreendido pela sua mãe. A forma como esta mãe repreende a sua criança não agrada as outras mães. O Carlos assiste a brincadeira mas não comenta.

*Sara - Meu filho não ouve! Fernando já disse para não brincar na areia!*

*Yara - Não precisa gritar!*

*Sara - Minha tia que vive longe quando fala com os filhos, fala alto, minha mãe também. Quando falamos baixo as crianças não ouvem!*

*Nanda - Eu não grito com os meus filhos!*

Esta brincadeira permitiu-nos perceber que as questões de educação das crianças e assunto das meninas. O Carlos assiste a brincadeira em que as mães discutiam como cuidar de um filho (se gritando ele ouve ou não) mas o mesmo não comenta, consideramos que para ele a brincadeira deve ser exclusivamente para meninas. Um dos papéis que se espera de uma mulher, tem a ver com a educação dos filhos, este papel é desempenhado, tal como a brincadeira nos mostra.

Durante as brincadeiras em que as crianças mais novas demonstravam a vontade de participar havia uma reacção por parte dos meninos, que era mandar elas ficar com as educadoras, ou brincar no grupo das meninas. O Fernando, o Aly, e o Stuart, dirigem-se ao grupo dos meninos com intenção de brincar, os meninos procuram afastar-se dos bebés apercebendo-se, procuram ficar o mais distante possível, pois alegam que os “bebes” só querem estragar a brincadeira. Os “bebes” não desistem de tentar uma aproximação com as crianças mais velhas, os meninos acabam mandando eles ficar com as educadoras ou com as meninas.

*Francisco - Querem o quê aqui?*

*Francisco - Não podem ficar aqui!*

*Marcos - Vão ficar com tia Rosa! (educadora)*

*Luís - “Titia”, “Titia”. Fernando está a estragar nossas coisas. Queixam-se os meninos!*

As meninas são mais receptivas quando se trata de integrar as crianças menores nas suas brincadeiras, estes acabam desempenhando papéis importantes durante as brincadeiras, quando são bebés, pois as meninas dedicam sua atenção para eles, esta é uma tarefa que as meninas desempenhavam sem reclamar. Nesta brincadeira, as meninas desempenharam um papel importante, pois elas conseguiram acalmar os “bebés” integrando-os nas brincadeiras e fazendo com que fossem aceites pela maioria, no desempenho de papéis importantes nas brincadeiras. Assim até os meninos

interessavam-se em juntar-se as meninas nos cuidados dos bebés. A seguir observamos uma brincadeira em que os meninos depois de rejeitarem as crianças menores e ao verem que eles tinham sido aceites nas brincadeiras, foram se juntar a eles. A Nádia sugere que o Paulo (bebé) está doente e as restantes meninas demonstram preocupação com a saúde do menino, os outros meninos por vezes, juntam-se para também demonstrar a sua preocupação em ajudar, as meninas.

*Nádia – O Fernando esta doente!*

*Sara - O que ele tem?*

*Nádia – Deve ser gripe!*

*Yara – Vamos lhe levar no hospital!*

*Sara – Precisamos de ajuda.*

Apesar de não ajudar, o Francisco estava presente a observar a brincadeira das meninas, manifestava a vontade de participar na brincadeira, embora os outros meninos insistissem para que ele fosse brincar de carrinhos. A forma como as meninas recebem as crianças menores, pode ser um indicador de que estas sejam mais cuidadoras e protectoras em relação aos meninos e os meninos reconhecem essa capacidade nas meninas, ao encaminhar as crianças para elas.

Vimos nesta secção que as brincadeiras e os papéis não são fixos, eles variam de criança para criança e de momento em que se desenrola a brincadeira, os papéis de género são negociados em todos os momentos das brincadeiras, quando as meninas tentam desempenhar papéis que são supostamente de homens e meninos desempenham papéis de meninas.

#### **4.3.2. “Nós vamos brincar de carrinhos e vocês vão ficar a fazer outras coisas”- Relações de género na esfera pública**

Na esfera pública, concretamente no que diz respeito ao desempenho de uma profissão, a escolha das profissões é feita de acordo com a brincadeira que se procura representar, sendo para as meninas uma tarefa difícil, principalmente quando se trata de brincadeiras com rapazes. Quando as brincadeiras são apenas de meninas fica fácil escolher uma profissão, embora a maioria das vezes elas prefiram a brincadeira da casinha.



A seguir apresentamos uma brincadeira que inicialmente faziam parte só meninos, mas as meninas pedem para participar na brincadeira, no início há uma hesitação por parte dos meninos, mas no fim acabam aceitando. Fazem parte da brincadeira, o Francisco, o Luís, a Carla, Nádia e Sara.

*Francisco - Vamos brincar de carrinhos!*

*Luís – (...) Vamos!*

*As meninas - Vamos! Nós também vamos.*

*Luís - Mas é só para homens!*

*Francisco - Elas podem brincar mas serão polícias. Vamos brincar!*

*Carla - Para! Bom dia. O senhor pode me responder porque é que passou no vermelho? O sinal está vermelho, será que não viu?*

*Luís - Eu? Vi! Mas estou com pressa. (E avança o condutor apressado).*

*Nádia - Os documentos por favor?*

*Luís - Esqueci em casa. Mas tenho muito dinheiro posso te dar.*

*Nádia - O senhor está preso! (começa a perseguição, e todos os condutores entram na perseguição).*

*Sara – (...) Isto está uma confusão!*

*Nádia - Eu já cansei, vocês não obedecem a polícia!*

*Luís – (...) Você pode ser polícia mas nós é que mandamos!*

Na brincadeira as meninas tentam exercer o papel de polícias de acordo com a sugestão do amigo, mas durante este exercício elas demonstram insatisfação pois consideram pouco o papel que lhes foi atribuído pelos meninos, ou seja, elas queriam fazer parte da brincadeira dos carros. Neste caso podemos observar que as meninas consideram-se capazes de fazer as mesmas brincadeiras que os meninos fazem. Mas a sua autoridade é colocada em causa pelos meninos, pois estes, não obedecem aos seus comandos mesmo sabendo que as meninas desempenhavam o papel de polícia, dificilmente eles reconheciam esse papel. Questionamos ao Francisco porque é que eles não obedeciam as meninas.

*Nós - como foi a brincadeira?*

*Francisco – Não sei!*

*Nós - Como e brincar com meninas? Gostas?*

*Francisco – Sim.*

*Nós - porque é que quando as meninas mandavam parar, vocês não paravam?*

*Francisco – “Ahh!” elas estavam a nos mandar. Quando estamos a brincar de polícia e bandido, elas podem ser polícias, mas não podem nos prender, porque sabemos correr.*

Embora não exista uma resposta para este comportamento por parte dos meninos, existe uma aceitação da participação das meninas na brincadeira, afirmando que elas podiam escolher o que elas queriam, mas que eles não eram obrigados a obedecer, isto chamou a nossa atenção visto que, embora eles reconheçam a sua participação no seu meio, esta aceitação por vezes é colocada em causa. Homens e mulheres se fazem através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar, agir, condutas e posturas apropriadas. Os géneros se produzem, nas e pelas relações de poder (Louro, 1997. P 41). Considerando esta ideia, podemos afirmar que as crianças produzem relações de género e a brincadeira acima permite-nos questionar sobre o exercício do poder nas relações sociais, os meninos através dos discursos, gestos, manobras, tentam exercer esse poder sobre as meninas, poder este que é constantemente contestado.

A brincadeira é a forma que as crianças têm de mostrar a sua autonomia, onde por meio desta demonstram as suas capacidades, expressam a forma como elas interpretam a cultura adulta, e por meio desta criam a sua cultura, a cultura de pares. As brincadeiras infantis, representam importantes meios por onde a criança aprende o mundo adulto e o reestrutura dentro de um sistema de produção de sentidos que de conta dos seus interesses enquanto crianças, tornando-as co-construtoras do mundo no qual estão inseridas (Corsaro, 2002).

#### **4.4. Entre a reprodução e a inovação**

Este subcapítulo permitiu-nos aprofundar sobre os dados apresentados, analisando-os de acordo com a teoria interpretativa. Procurando trazer a ideia do brincar sócio-dramático como uma reprodução interpretativa da realidade, Corsaro (2002), refere-se ao brincar

no qual as crianças reproduzem actividades de faz-de-conta que estão relacionadas com experiências do seu quotidiano, assim foi possível estabelecer uma relação entre as culturas infantis e as culturas adultas, visto que as crianças apreendem na interação com os adultos sobre as relações de género; no âmbito deste trabalho, procuramos através da análise das brincadeiras das crianças perceber como estas constroem as relações de género.

Durante o brincar o faz-de-conta, as crianças reproduzem os papéis que são socialmente apreendidos, na família, na comunidade, através dos meios de comunicação e juntamente com os seus pares, elas se permitem imaginar, recriar e reinventar papéis de género. Reconhecemos que é no brincar o faz-de-conta, que as crianças reproduzem actividades relacionadas com experiências das suas vidas reais ou não, isto podemos constatar nas conversas que elas mantêm, as crianças partilham as preocupações do dia-a-dia, na família, e no trabalho. Consideramos duas formas principais das quais as crianças apreendem os papéis de género, a família, e os meios de comunicação e por meio da cultura de pares, dão significados estes papéis.

Os papéis de género retratados na brincadeira da casinha constituem uma reprodução dos modelos de famílias que as crianças apreendem na vida em grupo, tanto no seio familiar, ou mesmo pelos meios de comunicação. No que diz respeito a família, as crianças reproduzem o modelo nuclear de família, constituído por pai mãe e filhos, sendo por vezes possível notar que durante a mesma brincadeira, existem vários pais e várias mães. No que diz respeito ao trabalho, tanto as meninas e os meninos aprendem que é possível trabalhar e cuidar da casa, ou mesmo estar em outros lugares.

*Os meninos trabalham e ao mesmo tempo estão em casa. Estes contam-nos que o trabalho não era complicado, eles estavam em casa sempre que eram solicitados pelas meninas. (Diário de campo, 13.03.017)*

*Observamos o caso do Carlos que durante uma brincadeira com meninas, não concordava que o Luís cozinhasse, pois achava ele que era tarefa dirigida as meninas, esta concepção talvez tenha sido fruto da convivência, acreditamos que esta concepção tenha mudado com o decorrer dos dias, pois em algumas situações era possível notar que ele fazia brincadeiras que os outros meninos consideram de meninas. (Diário de campo, 17.03.017).*

As experiências que as crianças vão adquirindo no seu dia-a-dia ditam a forma como estas irão se comportar dentro da cultura de pares, e estas experiências são moldadas diariamente, visto que nesta fase as questões de género não são permanentes.

Enquanto nos meios de comunicação (televisão, internet, rádio...) as crianças aprendem que as relações não são lineares. Algumas crianças fazem brincadeiras, inventam estilos de vida, reproduzem papéis, tipos de relação, novos modelos de convivência, e formas de se relacionar nos seus grupos de pares que eles vêem na televisão, eles contavam-nos estas experiências, por vezes, como se fossem reais, ou como gostariam que fossem reais.

*“Numa conversa que tivemos com a Sara e Nádia, contam-nos que vivem juntas, na sua casa não tem pai, elas são mães, gostam de viver só elas as duas, quando os rapazes decidem brincar connosco, estragam, gostam de mandar, dizer o que temos que fazer”.* (Diário de campo, 8.03.017).

De referir que elas afirmam ser mães, mas não tinham filhos. Questionamos onde estavam os filhos e elas não responderam. Em relação a estas perguntas, elas mostravam-se surpresas, pois não tinham pensado no lugar que os filhos ocupariam na brincadeira, decidem justificar a ausência dos filhos na brincadeira.

*“As crianças estão na escolinha. Hoje é terça-feira? Sim é terça-feira. As crianças estão na escolinha daqui a nada vamos lhes buscar nem?”* (Diário de campo, 8.03.017).

Conseguimos notar que existem situações em que a mesma criança desempenhava o papel de mãe e de criança numa só brincadeira. Acreditamos que isto deve-se ao facto de as crianças terem múltiplas fontes de aprender realidades diversas. Questionamos o que as crianças gostam de assistir.

*“Eu gosto de assistir “Chiquititas”, gostava de assistir Carrossel e jogar no telefone da minha mãe, tem um jogo de fazer bolos, eu sei fazer bolos”.* **Nádia 5 anos.**

*“Eu quando volto da escolinha assisto bonecos até a noite, vejo “PJmasks” porque a noite salvamos o dia”; tem jogo de carrinhos que jogo também”.* **Francisco 5 anos.**

*“Eu ajudo minha mãe a cozinhar quando ela volta do serviço depois assisto novela com ela”.* **Yara 4 anos**

Entre outras conversas que acompanhamos, notamos que as crianças tentam reproduzir papéis de adultos em um mundo de crianças, o que faz com que durante as brincadeiras

elas confundam-se entre ser adulta ou criança. Por isso durante a mesma brincadeira, as crianças podem ser pais, ou mães, e filhos.

No trabalho, as crianças ao reproduzirem papéis de adultos, os meninos são os primeiros a escolher o que vão fazer, não deixando muitas escolhas para as meninas. Por vezes os meninos é que determinam os papéis que as meninas irão desempenhar na brincadeira.

*“Hoje Nádia vai ser professora Helena, vai ensinar os meninos. Nós vamos andar de carrinhos. Quando nós voltarmos, vamos brincar de outras coisas”.* **Luís 5 anos**

*“Eu vou conduzir uma carrinha, do meu chefe depois vamos trabalhar, vamos voltar a noite.”* **Francisco 5 anos**

*“Vou sair para se encontrar com meus amigos”* **Marcos 4 anos**

Segundo Delgado & Muller (2005), citando Pinto e Sarmento (1997), as crianças não produzem culturas num vazio social, elas têm autonomia que é relativa, ou seja, as respostas e reacções, os jogos sócio-dramáticos, as brincadeiras e as interpretações da realidade são também um produto das interacções com adultos e crianças, portanto, a família, os meios de comunicação, são as formas pelas quais as crianças apreendem os diversos papéis de género e por meio do grupo de pares, dão significados estes papéis. As crianças têm diversas personalidades e vivenciam a realidade de formas diferentes, no momento de brincar as crianças desenvolvem conversas e partilham experiências vividas ou não, daí a necessidade de partilhar informações, entre as crianças, permite a expansão do próprio grupo de pares, de acordo com Corsaro (1997), a produção da cultura de pares não constitui uma simples imitação nem apropriação directa do mundo adulto, as crianças apropriam-se criativamente da informação do mundo adulto para produzir a sua própria cultura de pares.

Neste capítulo tentamos discutir a teoria com base nos dados já referenciados, onde trouxemos a ideia da reprodução e da inovação, assim foi possível identificar algumas tendências a reprodução e a inovação dos papéis de género nas brincadeiras, visto que as crianças demonstram conhecer os papéis dominantes de género, mas é nas brincadeiras que elas procuram questionar e inventar papéis diferentes, onde verificamos que os meios de comunicação permitem as crianças ter múltiplas fontes de conhecer a realidade, e este exercício do brincar ao faz-de-conta entre pares, permite

conjugar as diversas realidades, formando o seu universo infantil através da reprodução social da realidade.

## **Considerações finais**

As culturas das crianças (Sarmiento, 2005), são um conjunto estável de actividades ou rotinas, artefactos, valores e ideias que as crianças produzem e partilham em interacção com os seus pares, onde elas constituem-se no mútuo reflexo das produções culturais dos adultos para as crianças e das produções culturais geradas pelas crianças nas suas interacções, por tanto são acções, significações e artefactos produzidos pelas crianças, que estão enraizados na sociedade.

Nesta ordem de ideias, procuramos compreender como as crianças constroem as relações de género no brincar o faz-de-conta, pois reconhecemos que as crianças têm a capacidade de formular interpretações da sociedade, dos outros e de si próprios, da natureza, dos pensamentos, dos sentimentos. (Sarmiento, 2005). Para compreendermos como são construídas as relações de género na infância, foi preciso descrever as brincadeiras das crianças, identificar os papéis de menino e menina e por fim analisar como são constituídos esses papéis.

De acordo com os resultados apresentados podemos constatar que as brincadeiras das crianças são constantemente reinventadas, pelas mesmas. Na primeira idade dos dois aos três anos, as diferenças de género não notam-se, entre as próprias crianças, assim, a diferenciação de género parte dos “outros”. Na idade dos quatro e cinco anos, as crianças começam a organizar-se de acordo com o sexo, estas diferenciações de género não são fixas, podendo variar de acordo com as circunstâncias. Nesta fase nota-se que existem brincadeiras de meninas e de meninos; embora seja possível notar que os rapazes são rígidos em separar as brincadeiras de meninas e meninos, ou seja, eles possuem um espaço das suas brincadeiras mais definido em relação as meninas.

No que diz respeito aos papéis de género, as crianças têm a consciência de que existem papéis de género, que definem o que se espera de uma menina e um menino, mas nesta fase as distinções de género não são fixas, estas são constantemente negociadas pelas crianças durante as brincadeiras.

Segundo Finco (2003), compreender e respeitar as escolhas das crianças é fundamental para que, entre pais, mães, professores e crianças, haja uma relação horizontal, não adultocêntrica. A forma como são construídos os papéis, depende do contexto em que se encontram as crianças, no âmbito deste trabalho tomamos a família e os meios de comunicação como duas realidades pelas quais as crianças apreendem a realidade e a cultura de pares como um meio pelo qual as crianças dão significados a estas realidades.

Ao fazer as brincadeiras de faz-de-conta reproduzem múltiplos papéis que aprendem quotidianamente e de acordo com estes papéis, orientam seus comportamentos naquele espaço da escolinha, por isso, foi possível observar práticas relacionadas com o género, entre as crianças, portanto, os papéis que as crianças interpretam durante as brincadeiras, influenciam na forma como elas constroem as relações de género.

## Referencias Bibliográficas

Andrade, L. (2010). *Tecendo os fios da Infância*. Obtido de Scielo Books: <http://books.scielo.org>

Antonio, E., & Hunguana, C. (2013). *Relatório de estudo sobre: Género no Ensino Superior em Moçambique*. Maputo.

ASDI. (2007). *Para a igualdade de género em Moçambique*.

Barbosa, M. C. (Set/Dez de 2014). Culturas infantis: contribuições e reflexões. *Revista Diálogo Educação* , pp. 645-667.

Brandão, I. (2010). *A criança ressignifica a cultura: a reprodução interpretativa nas brincadeiras de faz-de-conta em três contextos diferenciados* . Brasil.

Buss-Simao, M. (2014). Pesquisas etnográficas com crianças, pequenas reflexões sobre o papel do investigador. Curitiba.

Cabral, F., & Diaz, M. (1998). Relações de Género. In S. M. Odebrecht, *Cadernos afectividade e sexualidade na educação: um novo olhar* (pp. 142-150). Belo horizonte.

Casimiro, I. M., & Andrade, X. (2005). Investigação sobre mulher e género no centro de Estudos Africanos. *Estudos moçambicanos* , pp. 7-27.

Castro, M. B. (2014). *Noção de criança e infância: dialogo, reflexões, interlocuções*. Rio de Janeiro: Seminário do 16 COLE vinculado:13.

Colonna, E. (2012). *Eu é que fico com a minha irmã. Vida quotidiana das crianças na periferia de Maputo*. Braga.

Colonna, E. (2009). *O lugar das crianças nos estudos africanos: reflexões a partir de uma investigação com crianças em Moçambique*. Poiesis,Tubarão.

Corsaro, W. (2002). A reprodução interpretativa no brincar ao faz-de-conta das crianças. In W. Corsaro, *Educação, Sociedades e culturas* (pp. 113-134).

Corsaro, W. (1997). *The Sociology of childhood*. California: Pine Forge.

Costa, R. G., Madeira, M. Z., & Silveira, C. M. (2012). Relações de género e poder: tecendo caminhos para a desconstrução da subordinação feminina. *17 encontro*



*Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de gênero* . Brasil.

Delgado, A. C., & Muller, F. (Mai/Ago de 2005). Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas. *Caderno de pesquisa* , pp. 161-179.

Fernandes, N. (2008). Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios. *36ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação*. Braga: Revista Brasileira de Educação.

Filho, A. M., & Barbosa, M. C. (Jul/Dez de 2010). Metodologias de Pesquisa com Crianças. *Revista Reflexão e Ação* , pp. 08-28.

Finco, D. (Set/Dez de 2003). Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil.

Gandum, D. F. (2014). *As representações das crianças sobre questões de gênero*. Lisboa.

Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas .

Gomes, R. F. (2005). *Infância e Diversidade: um estudo sobre significações de gênero no brincar*. Assis.

Jeaveu, C. (Mai/Ago de 2005). Criança, infância (s), crianças: Que objectivo dar a uma ciência social da infância. *Educação e Sociologia, Campinas* , pp. 379-389.

Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação* . Rio de Janeiro: Editora vozes.

Machado, C. J., Santiago, I. M., & Nunes, M. S. (2010). *Gênero e práticas culturais: Desafios históricos e saberes interdisciplinares*. Campina Gande.

Marchi, R. d. (Jul/Dez de 2011). Gênero, infância e relações de poder interrogações epistemológicas. pp. 387-406.

Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas.

Moreira, A. B. (8-11 de Maio de 2012). A relação de gênero na fase da adolescência. *Interfaces no fazer psicológico* .

- Osório, C., & Silva, T. C. (2008). *Buscando sentidos, gênero e sexualidade entre jovens estudantes do ensino secundário, Moçambique*. Maputo: WLSA Mocambique.
- Pastore, M. d. (2015). *"Sim! sou criança eu!". Dinâmicas de Socialização e Universos Infantis em uma Comunidade Moçambicana*. São Carlos: UFSCar.
- Pastore, M. D., & Barros, D. D. (2015). *A cultura do brincar e a socialização infantil: percepções sobre o ser criança numa comunidade moçambicana*. São Paulo.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva Publicações .
- Reis, K. C. (2008). *Infância, Gênero e Estereótipos Sexuais, Análise de relato de mães de crianças de 4 a 6 anos*. Baurú.
- Santana, V., & Benevento, C. (2013). O conceito de gênero e suas representações sociais. *Revista Digital, Buenos Aires* .
- Sarmiento, J. M. (2009). Sociologia da Infância: Correntes e confluências. *Estudos da Infância e sociedade contemporânea: desafios, conceptuais, Revista O social em questão. Revista* , pp. 15-30.
- Sarmiento, J. M., & Pinto, M. (1997). *As crianças: contexto e identidades*. Braga: Universidade do Minho.
- Sarmiento, M. J. (Mai/Ago de 2005). Obtido em 08 de Dezembro de 2016, de <http://www.cedes.unicamp.br>
- Sarmiento, M. J. (2005). Gerações e Alteridade: Interrogações a partir da Sociologia da Infância. *Congresso Português de Sociologia*, (pp. 361-378). Campinas.
- Sayão, D. (Set/Dez de 2003). Pequenos homens, pequenas mulheres? Meninos, meninas? algumas questões para pensar em relações entre gênero e infância. *Proposições, Campinas* , pp. 67-87.
- Scott, J. (1995). *Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e realidade*. Vol.20.
- Seixas, A., Becker, B., & Bichara, I. D. (Out/Dez de 2012). Reprodução interpretativa e cultura de pares nos grupos de brincadeiras .

Shenga, C. (2015). Obtido em 17 de Janeiro de 2017, de <http://www.isap.ac.mz>

Sirota, R. (Março de 2001). Emergência de uma Sociologia da Infância: Evolução do objecto e do olhar. *Cadernos de Pesquisa* , pp. 7-31.

UNICEF. (2007). *Situação Mundial da infância* . Unicef.

Yopez, M. T, & Pinheiro, V. S. (Jan/Abril de 2005). Socialização do género e adolescência. *Estudos Feministas* .